

RESPOSTA AO FOLHETO

INTITULADO

O PODER MODERADOR

E

O SR. THEOPHILO BENEDICTO OTTONI.

Almas desceidas do sonhar primeiro
Venderião o bello derradeiro
Da virgem que os amou!
AREVEDO.

Vide Dicionario de Pseudonymos.
pag 199.
n. 1.483



S. PAULO.

TYPOGRAPHIA—IMPARCIAL—DE J. R. DE A. MARQUES.

Rua do Rozario n.º 49.

1860.

AO LEITOR.

Quem lêr este pequeno opusculo, que se resente dos defeitos da occasião, e da falta de tempo para sufficientemente limal-o, desculpará por certo o seu auctor.

Não sou tambem *energumeno*, nem tão pouco *tenho pretensões que as de outrem possam offender ou prejudicar*. Fallo em nome de minhas convicções, advogo o pensamento de muitos moços sensatos que juram pela mesma bandeira; que se entristeceram ao lêr a invectiva mordaz e virulenta que um espirito, menos reflectido e calmo, dirigio a um distincto cidadão, homem popular, e conhecido por sua firmeza de principios. Odeio as theorias do direito divino, e amo a Constituição.

Não me cabe indagar as intenções do autor do folheto: se foram paixões politicas, rixas particulares ou o desejo da fama de Erostrato que lhe pozeram nas mãos a penna que distilla tanto fêl. Deus, tribunal unico e altamente competente para julgar os homens da intelligencia, que o julgue.

RESPOSTA AO FOLHETO

INTITULADO

O PODER MODERADOR

E

O SNR. THEOPHILO BENEDICTO OTTONI.

1.

Um grande exemplo, de quanto as idéas politicas podem desvairar os animos, acaba de se patentear no apparecimento do escripto anonymo: o Poder Moderador e o Snr. Ottoni.

Seu auctor cuidou conveniente trazer cahida a viseira, mas seu primeiro passo foi ferir a tarja de guerra, atirando um cartel ao partido liberal, offendido pela invectiva atroz, menospreso e sarcasmo com que é interpellado um de nossos mais respeitaveis cidadãos, o homem liberal que soube sempre combater denodado em nome de suas convicções, e em prôl das bandeiras que uma vez adoptou.

No correr do folheto só notei uma cousa: repetição sedicã de argumentos melhor deduzidos e appresentados no «Jornal do Commercio», e o espirito azedado e violento com que o auctor se exforçou para lançar lôdo na opa do Tribuno. O pensamento, que constantemente preside ao anonymo escripto, parece desconhecer que homens ha que calcam aos pés a moral do interesse, e cujos corações batem ainda ardentes ás palavras: patria e liberdade. E que não são as antecamaras dos palacios, os camarins de

damasco, e o ambiente impregnado de miasmas mephiticos, que ahi transpira, o mais conveniente e pedido pelos homens que não se eivaram ainda, e em quem vive a crença de que: se o individuo foi feito para o Estado, tambem o Estado foi feito para o individuo.

Uma apostrophe violenta tentou debalde lançar por terra o vulto grandioso do Sr. Ottoni:—pobre Liliput, erguer-se, no orgulho de anão, á esperanza louca de se quer tocar o manto de Gulliver!

Levado pela força de sua diatribe quiz o auctor do escripto marear a reputação do soldado liberal: phantasiando mil scenas desairosas, erguendo o véo ao passado, para ahi mostrar manchas de sangue e lôdo, na passagem do cidadão que, fiél ao seu principio, aos gritos de suas convicções, descêra á estacada na revolução de 42. Actos que, no pensar imparcial, traduzem a popularidade do cidadão, que lhe elevam um padrão de gloria, são impiedosamente torturados, pisados e revertidos ao talante do escriptor anenymo. Elevando-se, no seu orgulho de libellista, á altura de conhecedor de nossos fastos politicos, pretencioso ao ponto de advinhar intenções, crendo lêr nas almas, como os aruspices nas entranhas da victima, procurou demonstrar que essa popularidade que rodeia o Sr. Ottoni era mentida, phantastica e illusoria, quando muito devida ás instancias e rogativas de seus amigos.

Contradictorio e sophista, encarando apenas um lado anormal da questão, foi ainda alem, criando uma theoria á sua popularidade, como se idéasse um conto ao geito de Hoffinan, cuja significação devesse ser nenhuma.

Admira-nos como, o escriptor que appareceu parodiando uma profissão de fé, e que ruidosamente promettia fallar em nome de suas convicções, fascinado ao clarão da corôa imperial, se deixasse cegar; e arrojando a calma e o sangue frio proprios ao homem de sciencia, se embuçasse no manto do ridiculo, tomasse a capa do satyrico, e apanhasse lama procurando ennodoar a face do Tribuno.

Pensando que essas idéas absurdas, antiquadas, (e que só poderiam fazer figura nos paizes aziaticos, ou entre homens menos zelosos de sua dignidade, e que na embriaguez do ascetismo se ascismassem ao ponto de che-

gar á concepção de um Deus-homem, superior a lei, ao juizo do mundo, e portanto podendo usar de sua liberdade como entendesse: isto é praticando o bem e o mal sem que um poder qualquer, um tribunal competente podesse chamal-o a autoria), poderiam causar alguma impressão em nossa provincia, nós, que tambem temos convicção, que igualmente amamos nosso paiz, que ardentemente desejamos seu progresso, sem entretanto cahirmos no absurdo de sacrificá-lo ao poder de uma individualidade qualquer, desceremos tambem á arêna, e provaremos que a intelligencia ligada pelo auctor do folheto á diversos paragraphos da Constituição, não reveste o dom da infallibilidade, e apenas demonstra uma verdade trivial: é que o sophisma pode adulterar a verdade, procurando eclipsal-a, e confundir espiritos menos reflectidos.

Considerando que intelligencias menos perspicazes, espiritos vertiginosos, que defendem a falsidade por systematico influxo de partido, poderiam colmar de injustas arguições o cidadão popular, o prestante liberal, que, não poucos exemplos de amor á seu paiz, tem dado; temendo que, desvairados ainda pelo pseudo-culto-patriotico, os animos fracos acreditassem ver no conservador-libellista um novo Apostolo, de eloquencia de oiro, pregando theorias inspiradas por occulto paraclito, desceremos á uma analyse de seus principaes argumentos, e examinaremos se seu espirito visou a verdade, se seus labios fallaram em nome da pureza do coração, ou se, por entre as sombras do anonymo, que o encobre, não vem a mascara do energumeno, ou o punhal que rasga impiedosamente a opa do Tribuno.

Queremos crêr com sinceridade que o mysterioso escriptor esperava chegar á futura Solyma; mas, quem sabe? se por excesso de partido, ou fanatismo extremo, não será condemnado á apodrecer na montanha?

III.

State ergo succinti lumbos vestros in
veritate et induti lorica[m] justitiæ.

(S. PAUL AD EPH., CAPUT 6.º)

E' comvosco que fallo senhor libellista. Começastes entoando um epinício ao salutar principio da divisão dos poderes, e, levado pelo vosso enthusiasmo de *dilletanti*, tentastes lançar mão dos sagrados dogmas apontados na Constituição para fundamentar vossas theorias. Apoz o 9.º, e 10.º paragrapho da Constituição, commentando o art. 98, dissestes: «*para que esse poder* (isto é o Moderador) *fosse o que a Constituição quer* era preciso que a pessoa á quem foi delegado estivesse collocada em altura tal que *nenhuma ambição* a pudesse ferir, *nenhum interesse* a pudesse seduzir.

Haves bem medido o alcance de vossas proposições? Sabeis, porventura, á que altura, ou á que abysmo vão ellas ter? Examinemos.

Ou vós fazeis do vosso Imperador um Deus, ou cercais-lo do apparelho do phantasma.

Se é verdade, como dizeis, que a altura em que se acha collocado o chefe do poder moderador é tal que não ha *interesse algum, ambição nenhuma* que o possa ferir, é claro que seu pedestal é o de um Deus. Não ha passado, presente, nem futuro para elle; vivendo em si, independente da acção exterior, qualquer que ella seja, insensivel ao que se passa fora d'elle, não attendendo aos acontecimentos e eventualidades, pois que elle não é susceptivel á *interesse algum, ou ambição nenhuma* será a perfeição, a eternidade, será o infinito, isto é: Deos.

Ainda mais. Não será o deus-progresso de Hegel: porque progresso quer dizer movimento em sentido qualquer, que não seja a retrogradação, e o vosso deos é insensivel; nem será tão pouco o principio geral embalde sonhado pelo philosopho Rousseau. Não será tambem um deos phantasiado antes de vos: não será Ormuz porque este luctava; não será Brahma porque este se transformava; não

seria Jupiter porque este tinha paixões, adoptava um ou outro partido, como no-lo pinta Homero.

Será porventura o crocodillo do Ganges, ou o deos Melkart dos Phenicios? Vivirá ao modo dos deoses Egyptios, mudo como a sphinge, mysterioso como um hieroglyphico? Certamente.

Não ha interesse para elle, nem o de sua propria conservação, *nenhuma* ambição pode feri-lo, nem a de utilidade propria. Será portanto a vossa creatura o deos immobillidade; plantado por vós em determinado lugar, sem liberdade de dar um só passo.

Que intelligencia é a vossa, mais feliz que Prometheu ou o personagem do Faust, conseguistes crear um deos, e que deos? Originalissimo.

Ou então ides confessar que o vosso chefe do poder moderador não passa de méro phantasma.

Vede: eu cito ainda vossas formaes palavras: sustentaes que é necessario que a pessoa designada pela Constituição occupe altura tal que nenhuma ambição a possa ferir, nenhum interesse a possa seduzir. Logo: concluiremos: não ha interesse algum que possa ter acção sobre essa pessoa, não ha ambição alguma que possa seduzi-la: nem sua propria utilidade, nem seu desejo de conservação. Então embuçada em seu manto de inviolabilidade, tendo na frente: o *ego sum qui sum in nihilitate* passará dormindo sobre as nuvens, embalada pela cantilena das fadas ou o canto aéreo das 'sombras do nada.

Miseria! A inviolabilidade trazendo como consequencia de vossa interpretação uma creatura impossivel, tornando-a alheia á todo interesse, alienando-a de tudo que se passa, fará della uã mumia propria para servir de curiosidade, ou ornato de interessante museo. Assim não conseguireis nunca eleva-la á altura de entidade livre, activa e intelligente, capaz, portanto, de satisfazer o desideratum da Constituição.

E' certo, porem, que não deixareis vossa obra sem nome, mas podereis satisfazer o orgulho da paternidade dando-lhe em báptismo o phosphorico epitheto de phantasma. Já vêdes que procurastes invia senda, gyraes em dedalico labyrintho, fazendo misuras por todos os lados

sem encontrar respiradouro ; não podeis portanto tirar a conclusão : logo *essa posição foi-lhe concedida pela Constituição reconhecendo no art. 99 que a pessoa do Imperador é inviolavel e sagrada ; elle não está sujeito a responsabilidade alguma.*

Partindo de uma hypothese impossivel, acordando de um sonho inexplicavel, não poderieis chegar á essa theoria da Constituição, fôra portanto absurdo dar de face com essa conclusão. Continuando á deitar fogo na artilheria, abalancaes mais adiante que *sem a inviolabilidade o Imperador deixaria de ser a chave da organização politica: seria um cidadão com pretensões individuaes, muitas vezes partidista cego, procurando allianças que o defendessem, perseguindo aquelles que julgasse seus inimigos.*

Tiro-lhe o meu barrete, senhor libellista ; bôfé que, vendo-vos morder tão furiosamente o cartuxo, esperava receber no peito boa chuva de ballas, mas por desgraça vossa, errastes o tiro, e cahistes de ventas n'um sophysma pueril ; respondestes idem per idem. Provaremos.

Porque razão é o Imperador inviolavel? Respondestes, porque está em altura tal, que nenhum interesse o pode ferir, nenhuma ambição o pode seduzir. Bellamente.

Perguntaremos agora, porque é que o Imperador seria um cidadão com pretensões individuaes, muitas vezes partidista cego ?

Respondeis ; porque existiria sem inviolabilidade. No primeiro caso, daes como razão da ausencia de interesses e pretensões individuaes a inviolabilidade ; e quando, travando-vos da capa, vos perguntamos porque é que nelle existe a inviolabilidade, vós nos voltaes o rosto amuado respondendo-nos com o que está em questão.

Já vemos que não sois forte em dialectica, ou então levado por vossa imaginação ardentissima, fecundissima, e eminentemente creadôra, idealisastes sem duvida, algum novo methodo, pseudo-socratico, de argumentar por petição de principios. Sois bem amante das creaturas !

Continuarei á debicar com vosco : examinemos a pessoa do Imperador ; dizeis que nella residem duas *individualidades, a natural e a politica*, dizeis ainda que a Constituição declara-o *impeccavel*, e como o *homem em*

quem está encarnado, o principio monarchico é tal,
com que direito atiraes á esmo tal proposição? Em que dados vos firmaes para sustental-a? Attendestes bem á força grammatical e moral do adjectivo *impeccavel*?

A Nação tendo o poder de encarnar, em nome de sua soberania, o principio monarchico em uma individualidade qualquer, não tem, no entanto, o poder de dirigir-se á moralidade, ao mundo interno, ao dominio da consciencia do individuo:—reducto indomavel onde fora insania tentar ir ter. Fora-lhe impossivel, portanto, pelo simples facto da delegação do poder, conseguir tornar seu representante *impeccavel*.

Eu posso atacar os vossos argumentos, esmiuçar o absurdo de vossas proposições; mas fora-me impossivel mandar um raio visual por entre as sombras nevoentas do vosso cerebro.

Longe se foram os tempos em que se reputava o monarcha uma creatura divina, embalada em seu leito de puericia por espiristos celestes, nutrida, como a rainha da Assyria, pelas aves do céu, velando os anjos do Senhor, porque lhe não fugisse a natureza divina ao resvalar-se pela terra. Já não voltam esses tempos em que o povo luctava, soffria, e trabalhava, derramando o suor do rosto, para contentar as paixões dos reis; em que as forças sociaes longe de proseguirem em seu livre desenvolvimento, eram desviadas de seu natural destino, para amontoar granitos, elevar pyramides gigantescas, construir hypogeos e obeliscos famosos, destinados á contentar a vaidade dos suppostos entes divinos.

Passou esse periodo obscuro em que os reis do alto do orgulho, pisando sobre as cabeças populares, declamavam infatuados como o Ricardo II de Shakspeare: nem mesmo as vagas do tempestuoso oceano poderiam riscar da fronte de um rei a sancta unction.

E é em nossos dias, quando a sociedade cheia de vida e esperanza, marcha para o idéal dos governos, que se levanta o véo dos seculos, remexe-se em suas cinzas, para resuscitar poerento e fazendo-se pedaços o principio de que os principes são os unicos filhos de Deos, differentes dos outros homens, previligiados, izentos da humana con-

tingencia ou iguaes á Divindade por isso que não podem peccar!

Abri as fileiras, curvai e deixai passar o monarcha: elle é filho do sol, é primo da lua; eia, Brasileiros, estaes na Azia; vêde a estrellla, inviolavel, sagrada e impecavel na fronte do vosso principe, eia, Chins da America, de joelhos! Batei nos peitos, não vêdes que por ahi passa o eleito do Senhor?

Tal é a doutrina que o escriptor anonymo, levado em suas azas de Icaro, não trepidou patentear aos olhos do cidadão brasileiro. E' falsa em Hermeneutica toda interpretação que traz consigo o absurdo. Licurgo, em sua legislação Spartana, prevendo todos os crimes provaveis, não instituiu penalidade para o parricidio: porque entendeu impossivel a existencia de tal crime entre seus rudes concidadãos. A Constituição não foi mais clara porque jámais previo que espiritos, eivados de anachronismo, tentassem um dia emprestar-lhe falsias; ou que tão absurda interpretação se podesse ligar á seu espirito eminentemente democratico.

III.

E' sempre o mesmo espirito de partidista systematico, o mesmo saibo de theorias caducas, que revela o auctor do folheto em seu correr desenfreado. Sempre que tremula o estandarte liberal, sempre que seus bravos dão um grito de saudação, sua fronte se entristece, e uma phrase de seu descontento passa sussurrante nos ares.

A revolução de 42 não foi, em sua intelligencia, mais do que o interesse individual elevando-se á altura da magestade imperial, para desrespeital-a. Como se alguma vez a Historia nos dissesse, ou se ao menos fosse moralmente possivel, que homens respeitaveis, resumindo em si a popularidade do paiz, sacrificassem estupidamente a paz domestica, a calma da familia, sua vida e propriedades, correndo apoz um sonho nebuloso; ou esporeados pelo desejo imprudente, talvez, de se assentarem em regios assentos, já polluidos pela baixesa; ou tentassem se

quer respirar o ar corrompido pelo halito impuro das mediocridades altivas.

Perguntaes o que querem esses homens que não vão comvosco queimar incensos indebitos á majestade imperial? Perguntaes que confiança poderão merecer suas crenças, quaes os principios que saberão respeitar?

Pois bem, eu vos responderei.

Esses homens querem que se não torture o espirito da Constituição, cercando o monarcha de trovejadas nuvens que nada mais farão do que approximar a tormenta, ensanguentando as paginas da nossa historia; maldizem dos espiritos maleficos que vão, pelo silencio da noite, atirar o facho á mina e apressar tremenda explosão.

Esses homens querem que corra a sociedade seu cyclo historico, sob a lei providencial, sem ter de saltar por humanos cadaveres. Esses homens desejam que se conserve pura a legislação, respeitando as cinzas de nossos irmãos que empaldeceriam de espanto, se posessem os rostos fora do tumulo; ou que teriam de corar vendo os animaes, os vermes immundos que prostituem a terra, levando-a á posição de antiquario feudo.

Esses homens querem finalmente sustentar a sua razão, obedecer nos limites do justo, e legar á seus filhos não um pedaço de gleba, onde tenham de viver encadeados, ou errabundos como a desditosa prole dos Hellenos; mas o paiz da liberdade, que fertilisaram os suores de seus paes, e as montanhas azuladas por onde esvoaçam independentes as aguias da America, e o Amasonas rola as vagas espumosas entoando um hymno á Deos e á liberdade.

Quereis ainda saber *quaes os principios que poderão respeitar?*

Pois bem, eu responderei.

Aquêlles que não forem absurdos como os vossos, que se não opposerem á razão, nem tão pouco desconhecem o justo. Obedecerão á sancta e pura moral do Christo, curvar-se-hão ante o altar da patria, jurando, como o guerreiro Punico, odio intenso aos inimigos de sua ventura, marcharão, como os Girondinos, á morte, entoando sua marselhesa para não ser cúmplices do morticínio, do absolutismo e da escravidão. Baixarão as fronte al-

tivas ante a imagem da lei, serão Curcios, Decios, Brutos ou Catões. quando a patria o exigir; mas em seu orgulho de Prometheu deixarão o cõrvo lacerar-lhes as entranhas, mas não pactuarão com a tyrannia, nem voltarão costas ante o apparelho inquisitorio da monarchia absoluta.

Em conclusão, esses homens respeitarão, sim, saberão respeitál-os, os principios que não importarem a absorpção de sua independencia, de sua liberdade, e dignidade de liberaes brasileiros; que não suffocarem em seus peitos o germen da dignidade de homem, tornando-os vís ao ponto de correrem ao encontro do Senhor, appresentando emmagrecidos pulsos aos grillhões do despota.

Idolatras da razão, da justiça e da independencia, esses homens respeitarão os principios, que não facultarem ao monarcha a azada occasião de dizer com Vitellio: miseraveis, marcham surrindo para a escravidão!

Eis, senhor libellista, o que hão de respeitar esses homens que vós tanto maldizeis em vosso tonel de Diogenes. ahí sorrindo tão logrativo, suppondo ter encontrado o vosso homem, no mundo magico em que fostes collocar vosso Imperador. Esses homens sujeitam-se a um monarcha mas que tenha a realesa da intelligencia, do saber e da virtude; não no querem superior á lei, mas respeitando-a e fallando-lhes em nome da Constituição.

Percorrendo ainda o circulo de vossos despropositos, perguntaes, com ar de Pythonissa, que tribunal poderá julgal-o?

Não vos achaes agora na mesma distancia em que (por honra da firma) desejaveis ficar; ou antes fostes generoso como um aváro, e concedestes de barato que o Imperador podesse ser julgado. Bravissimo.

Quem poderá julgal-o? Clamaes com voz de Jupiter Tonante.

Não pretendeis agora negar que o vosso divino Imperador seja censurado; já nos fallaes em juizo: é que, menos supersticioso, adimittistes, se quer, em hypothese, que o véo mysterioso, essa adarga talismânica, com que tentastes isolar do mundo o vosso principe, seja por um momento desviada e o vosso idolo seja mais de perto encarado.

A Nação pode crear um Imperador, delegar-lhe o

poder, constituil-o seu chefe, e não pode retirar-lhe esses attributos?

Vós podeis contractar um mestre, obrigar-o a leccionar-vos, mediante certas condições, e não podeis retirar-lhe o magisterio, em caso de desleixo, incapacidade, ou não observancia do contracto?

Na verdade que só um Beotio, filho da terra, que no entanto vio nascer Pindaro, Pelopidas e Epaminondas, poderia hesitar, como a burra de Balaão entre duas taleigas de cevada, e responder negativamente.

Vós tremeis á idéa de revolução, e de harmonia com vosso espirito inspirador, alguma nympha Egeria, talvez, predizeis *que tudo desaparecerá no abyssmo voraz de uma revolução.*

Que modestia, senhor escriptor, *tudo*, não; serão salvos os vossos principios que são dignos, e tem substancia bastante para vigorar no inferno, administrados pela semente de Rhadamanto.

Pois, nós responderemos que a Nação tem, e sempre terá, em quanto formos livres, o direito de julgar seu monarcha.

Admittir o vosso principio era acccitar uma de duas: ou que a Nação fosse, contra sua vontade, obrigada a conservar o criminoso monarcha eternamente: não tendo meios de legalmente desfazer-se d'elle, por isso que não poderia julgal-o; ou então aconselhaes o assassinato, e vindes impassivel atirar em meio dos Brasileiros um punhal fatidico.

Vêde:—o monarcha e a Nação desharmonisam-se, não ha meio de um accordo; aquella não pode chamal-o aos seus deveres, não pode portanto cural-o do mal; visto como não é, na vossa opinião, tribunal competente. Aquelle, com o pé sobre o collo da Nação, orgulhoso e ufano, quer conservar-se no throno, não pretendendo abdicar: porque os principes amam sobre tudo o lugar em que se assentam.

Como poderemos cortar o nó gordio?

Por conselhos, impossivel: o vosso Imperador é impeccavel, inviolavel e sagrado, portanto superior á mundañas admoestações. Não ha senão a espada de Alexandre, que, de golpe, solvesse a difficuldade: é a revolução.

Mas vós empallideceis perante essa idéa, temeis que *tudo desapareça no abysmo voraz*; e cobrindo a cabeça de cinzas, bateis no peito penitente, horrorisado ao temivel arcabouço que vossa imaginação veste das côres do Anti-Christo.

Como se a memoria de Luiz XVI não fosse hoje en-deosada pelo baptismo da revolução; como se a guilhotina não fosse a agua lustral que o sagra-se martyr. Como se o vento revolucionario, que abi passou por essa Inglaterra, levasse tudo á remoinhar no abysmo, com a chorida morte de Carlos Stuart.

A revolução pois, não pode ser acccita, na vossa opinião, como a incognita do problema.

O que faremos então? A Nação, e o monarcha ficarão em presença como dous gladiadores, sem jámais decidir o pleito?

Fôra absurdo; para evitar-se um mal, que pode provir a Nação, só ha exclusivo meio.....é mandar Jacques Clemente ter com Henrique III: ordenando-lhe, que dê ao rei um passaporte para o sombrio reino de Plutão. E' aconselhar á Ravailiac quo, se levante em um bello dia de verão, passeie pelas ruas de Pariz, espreite os passos do principe, e encaminhando-se para elle, cráve bem fundo o punhal no coração do Bourbon.

Eis o resultado de vossas theorias: é a lenda do punhal e do morticinio. E' elevar á altura de um dogma politico o sanguento proverbio dos Italianos dos tempos medios: quem se expor á morrer, pode matar o rei.

Sublime, não achaes?

E na verdade, incubastes em vosso principio uma tal consequencia, é sem sabel-o, talvez, pensastes com um illustrado escriptor: Duqueylar o disse: «nessas occasiões, quando a humanidade ultrajada procura reconquistar seus direitos, quasi sempre, o punhal fere no coração o culpado, que o gladio da justiça não pode attingir». Vossa interpretação, por sobre perigosa e homicida, traz comsigo palpitante absurdo. Não pode portanto ser acccita.

IV.

Não proseguiremos mais ; tergiversando á cada passo, cedeis terreno em prêza ás contradições : hontem, o vosso Imperador não tinha responsabilidade alguma ; isto é, dizeis : que nem moral, nem juridicamente, podia ser censurado ; hoje, já frio do enthusiasmo, confessaes, nas paginas 12 e 13, que a Constituição *podia prohibir que o monarcha fosse responsabilisado, mas não podia obstar que elle fosse censurado particularmente*, e, titubante, tropecastes ainda dizendo : *e nenhuma força poderia impedir que a opinião se formasse de um modo contrario*.

Talvez seja este o unico principio verdadeiro, que, em todo vosso folheto, tenhaes porventura appresentado ; folgo com isto, e vos digo : logo já admittis que o vosso Imperador não é impecavel ; pode errar, illudir-se e ter uma responsabilidade moral ; pois que pode ser *censurado particularmente*, e tambem em publico : pois que concordaes : *nenhuma força poderia impedir que a opinião se formasse etc. etc.*

Toda esta corrida do *folhetista* tinha um fim : mostrar que, uzára de plena liberdade constitucional, o Imperador, escolhendo Senador o Snr. Teixeira, em preferencia á Ottoni. Questão esta que interessa á provincia de Minas, influe sobre seu desenvolvimento, e quiçá, futuro progresso.

As necessidades, de uma localidade qualquer, porque sejam ouvidas e saptisfeitas, hão myster interpretes intelligentes, patriotas e amantes do progresso. Se a administração vai, por nossa heroica provincia, mal dirigida, se as cidades do norte não merecem as honras dos raios da corôa, é que, nem sempre, uma linguagem forte e energica tem advogado seus interesses e curado de suas palpitantes necessidades. Mal entendida centralisação tudo absorve, e com estomago de Encelado, ou Briareo, devora rapidamente os suores das esquecidas provincias. Todo sangue afluê ao coração do Imperio, deixando pallidos e exangues os demais membros ; perdendo a circulação, minguando-lhes seiba indispensavel á vida, é de crêr-se que os membros se ponham ainda uma vez em lucta : querendo o resultado do seu trabalho.

Nem sempre o povo é papalvo, e se deixa levar por apólogos sophisticos dos Menenios Agrippas.

O Snr. Ottoni é o homem, senão unico, ao menos o mais conhecido e popular, que bem convenientemente poderá representar nossa provincia no senado, E' tempo que se não prescrite a sombra de um passado que vai longe; estamos em época de tudo esquecer, abdicar animosidades antigas e apertar as mãos como Brasileiros.

Na historia de Minas ha muito facto assombroso, quadro pallido e sangrento da passagem maldicta do despotismo sobre nossa terra. Não fôra preciso profundar acontecimentos: os nomes de Tira-Dentes o martyr, Gonzaga e Alvarenga o ameno, são contos populares e que se repetem ao lar crepitante.

E' tempo, repitimos ainda, que desappareçam questões individuaes, as theorias do eu, e a sordida moral do interesse. E' tempo, que a intelligencia, o civismo e o saber, sejam os passaportes exigidos para galgar altas posições, donde os negocios da patria possam ser melhor encarados.

O povo raras vezes se engana, quando de instincto, ou por espontaneidade, eleva um cidadão conhecido á alteza de seu representante. Podem, não contestamos, zombar-lhe da credulidade, mentir-lhe á expectativa e embalar-o com phrazes melifluas; mas é certo que não fôra facil e suave brincar com a juba do Leão. Para esses que desceridos dos sonhos, jurando pela sombra de Verres, fizeram das turbas instrumento cego, que se pôe ao lado, após conseguido fim, para esses, senão os contemporaneos, ao menos a posteridade tem o estigma da historia, e o tribunal que maldiz.

O Snr. Ottoni não se acha neste caso, seu maior titulo de gloria, o epitheto que lhe desirio a historia, é o nome de tribuno que seus adversarios, ridicularisando, tentam escarnecer. Os Gracchos foram tribunos, e a posteridade os abençoá: Ottoni é tribuno, os Brasileiros sensatos, e que se não cegam por paixões politicas, terão para elle a benção do Céu.

O escriptor anonymo não podendo negar, positivamente, a espontaneidade do voto mineiro, a *estrandosa popularidade* de que fallou o «Mercantil», tentou estorcer

o sentido das palavras, e phantasiou uma theoria de popularidade, que só seu cerebro de homem azedado poderá conter. Tomando a apparencia de popularidade em lugar della, exforçou-se debalde, procurando-a em sua ausencia.

A popularidade, partindo de um elemento movel, como é o povo, varia e toma mil formas diversas, não negamos; mas quando essa popularidade não é de momento, não é parto do capricho, ou producto de panico e menos reflectido enthusiasmo, é certo que ha ali expressão do que sentem os corações do povo, e do que desejam suas vistas para um ponto dirigidas.

E' essa popularidade que entôa um epicedio triste sobre o tumulto do rei sancto. E' o mesmo sentimento de amor e confiança que acompanha fiel as exequias do cidadão Washington. Pudera ainda apontar-vos mil exemplos até parar em Pitt—o lord Chatam, coberto de câns; o membro da camara alta, unico—talvez, que dignou pleitear no parlamento em pról das americanas liberdades. E' perante bustos venerandos e philanthropicos como esses, que, o coração bate espontaneo, os labios lembram um sorrir amigo e a alma extasiada brada ás turbas:—ei-lo, não vêdes? E' um tribuno do povo.

Não duvidamos affirmar que o Snr. Ottoni devêra ser o escolhido. E' verdade, como o dissestes, que a Constituição dá *plena liberdade* ao imperante; mas confessareis tambem que do espirito da lei se não deduz que elle possa uzar desta liberdade, de motu proprio, á desdem ou por capricho, em desabono de um eleito do povo. Ha da parte da corôa má vontade contra esse cidadão; uma especie de rancôr mal disfarçado e que se trahe espontaneo; dir-se-hia, se me permittem a phrase, que ha ali duas naturezas antipathicas.

O homem que em 42 pode mostrar, que nem sempre o monarcha acharia nelle *vassallo* submisso, manivella estúpida de seus reaes caprichos, não pode ser bem vindo entre caudatarios cervis que, como as maripôsas á luz, rodeiam o clarão imperial, á espera de sinecuras pingues. A fronte do homem de bem causa incommodo inexplicavel ao rosto dos Tartufos que, em nome da hypocrisia, gritam contra os violentos, ressonam pelas ante-camaras e

conservam-se em beatitude fradesca:—burlescos actores de comédias infames!

Não desconhecemos o merito e capacidade, que recommendaram os outros candidatos á senatoria; queremos crêr que a provincia respeitou as condições do art. 45 da Constituição. E' certo, porem, que, examinando a segunda parte do § 3.º do mesmo artigo, não podemos deixar de perguntar: que *serviços tinha* o Snr. Teixeira *feito á patria* porque merecesse a *preferencia* que faculta o mesmo § 3.º?

Perguntamos á diversos amigos quem era o Snr. Teixeira, pois que nunca nelle ouvimos fallar, responderam-nos: um simples trocador de notas etc. etc.

Callamo-nos; respeitamos os nomes dos distinctos cidadãos, qualquer que seja a côr politica que os exorne.

V.

Acompanhando ainda o auctor do folheto, em suas ultimas considerações, não poderemos consentir que se aponte o Snr. Ottoni como homem perigoso, violento e portanto incapaz de tomar assento no senado.

O Senado, como ramo do poder legislativo, está tanto em restricta obrigação de attender ás necessidades da Nação, como a camara dos deputados; e nem sei que razão possa assistir ao escriptor anonymo quando dá a camara dos deputados, como o *lugar mais proprio para o tribuno*.

Querer sustentar esta opinião, é fazer do senado receptaculo de frades asceticos, nutridos constantemente por uma visão angelica, esquecidos de si e do que vieram fazer ao mundo. A camara onde oram tribunos, como os Snr.^s D. Manoel, Dantas e Souza Franco, é por certo bello theatro para os amantes de seu paiz: progressistas que marcham á par dos acontecimentos, e se não restringem á mal entendida conservação de prejuizos, idéas e principios retrogradados.

Fôra pena que tanta vida e actividade, que por ahi caracteriza tantas intelligencias, tivesse a Capua do pensamento no senado; é injuria, feio baldão, que se lança nas

vestes alvejantes de tantos cidadãos benemeritos que ali tem assento. Vozes, que se erguem naquella augusto recinto, não se acham ainda enrouquecidas, que não possam pleitear em nome do paiz, que as viu nascer, em attenção á escolha espontanea, que a confiança de seus concidadãos sobre ellas depositou. Muito embora a calma das paixões, a tranquillidade, conveniente aos homens que marcham além do marco da vida, os colloquem na região da luz, seu pensamento não perdeu ainda de força, seus corações não se emmudeceram, nem seus olhos se cerraram ás aspirações, votos e desejos que são palladio garantidor do enthusiasmo social.

Já vai longo o nosso trabalho; o arroubo e o patriotismo levaram-nos além do que era nosso alvo.

Meditem os nossos patricios sobre os factos, que se discutem, encarem tranquillos as medidas que hão de tomar, e respondam aos que tentarem seduzir-vos, patenteando aos vossos olhos o espectaculo tremendo da revolução, que superiores á influencia dos partidos, campeam o instincto de vossos corações, a inspiração de vossos sentimentos, e a historia de vossa provincia. Tremam por seu turno esses exploradores das trevas que, corando ante sua consciencia, baldos de coragem para fallar á luz da historia, resvalam-se enguilhados pela terra, tentando surprehender os animos menos cautos do nosso povo. Lembrem-se que os principes não são de natureza differente, nem amassados n'outra argilla que não a do povo; se hoje collocados sobre o throno, pairam sobre seus concidadãos, como a palmeira em meio ás pequenas plantas, amanhã o vento das revoluções pode arrancal-os das alturas e confundil-os no pó do caminho!

O Imperante não é um Deos, seus actos são defectivos, como contingentes á natureza do homem; não é o prejuizo que o sustenta, não são zumbaias servis, nem cantilenas melifluas, que o legitimão conservando-o longe de seus constituintes. Longe de serem verdugos, de achá levantada para decepar o collo de seus povos, é seu sceptro o symbolo da ventura, que deve procurar a felicidade de seus filhos; dir-se-ia o cajado do pastor que dêva apascentar as ovelhas, como divinamente se expressou o Christo. Seu carro deve espargir flores por onde passa, espa-

lhar vida e contentamento sobre o povo, e não como o do idólo Jaghernaut esmagar sob suas rodas os *sackirs* supersticiosos. Lembrem se, por sua vez, os príncipes que esses elogios extremos, que por ahí troam, esse servilismo, essa transacção vergonhosa de todo sentimento de honra, pundonôr e dignidade, não lhes podem augurar bellos destinos.

Quando a bella Antonieta,—quebrando seu orgulho de Austriaca, erguendo aos céus os olhos tristes, pedia de joelhos, para que se prolongassem os dias da realza de França—era tarde!

Embalde a princeza Izabel, em sua alma de sancta virgindade, orava, chorando por salvar seu irmão—era também tarde!

Uma nobreza corrompida, gasta e extemporanea, cujos carros tinham esmagado o povo extenuado de fome, cortezãos servis, ministros condescendentes que, por satisfazer os reaes desejos de Antonieta, tinham atirado ao vento os restos dos fundos publicos, eram os mesmos que, sem no sentirem talvez, haviam amontoado os penedos, que, pobres Sysiphos, não podendo por mais tempo sustentar; vieram sobre elles; e sua passagem foi rapida, dos palacios aos tribunaes, das grandezas ao pó ensanguentado da praça da revolução!

São corruptores dos príncipes os que não tem outra vontade, que não a sua, não conhecem outra lei, que não os seus caprichos, e fazendo delles um Deos, collocam-se em sua passagem para saudar a realza divina.

Quando a borrasca trôa sobre os palacios, e estes, abalados em seus alicerces, ameaçam ruina, a fuga por parte dos cortezãos se torna geral e desesperada, e o principe, abandonado, embalde estende os braços: ermo e solitario é tudo; seus maus conselheiros navegam mar alto, procurando novos ventos.

Ahi está nossa historia, olhai: não morreu ainda na memoria dos Brasileiros o 7 de Abril; quem nesse dia insinuasse um olhar furtivo no interior do real aposento encontraria um espectaculo sombrio: de um lado, homens corriam esbatoridos, como se fugissem ao spectro da maldição; d'outra parte, pallido principe, de cerrados punhos, e carregado senho, suava e tressuava abandonado, sem en-

contrar um echo ás suas dôres, um voto de consolação : —último adeos á realza decahida. Entretanto, quando tudo lhe fugia com o sorriso da fortuna, quando seus li-songeiros—o abandonavam, um só homem, natureza de Catão, que errava longe dos palacios, para não transigir com os caprichos imperiaes, um desses genios do povo, á quem o auctor do folheto, em seu espirito de systhema, alcunhou tribuno, esquecia antigos odios e abrindo os braços acolhia o príncipe dêsditoso, e conchegava ao peito sua prole imperial.

Eis a historia dos cortezãos e de um Imperador decahido!

VI.

E' tarde, Snr. libellista, não iremos além; apesar de vosso arrazoadado, temos fé que o povo mineiro, que por tantas vezes tem mostrado patriotismo e amor aos interesses de sua provincia, mostrará, pela nova escolha do Snr. Ottoni, a confiança que tem ne habil tribuno, e o desejo ardente de vê-lo na camara dos senadores, sendo-lhe seguro interprete de suas aspirações. E' bom que a vontade de cima se não ponha em opposição com a vontade do povo.

Era uma noite. Pethion e seus companheiros, apoz longa sessão, estavam reunidos em casa, descansando-se das fadigas do dia. Pethion chegou-se á uma janella, por que um dos seus augurava-lhes má noite, e pondo a mão ao vento, voltou-se dizendo : chove, nada haverá.

Não corria a noite em meio, e as turbas revoltadas arrancavam-nos do leito, arrastando-os á morte ou ao exilio : é que muitas vezes quando a bonança vai placida pelo mar, as ondas se turbam, e ferem os astros, fazendo reboar pela terra sua orchestra terrível; porque o vento se lembrara de encommodal-as. Foi ainda uma scintilla, escapa á descuido, que dissipou em cinzas a riquissima cidade de Sardes.

A nossa provincia que se recorda das sombras de Tira-Dentes, e que em noites de luar ouve o som das canções amenas de Gonzaga, e se não esqueceu ainda de Alvarenga, não cerrará ouvidos aos votos do patriotismo,

nem transigirá com aventureiros exploradores; mas attenderá aos principios que melhor possam levar o paiz ante o progresso.

Quanto a nós, não invejamos a Luthero sua phrase desoladôra e triste: *invideo quia quiescunt*; mas fortes e ousados, crentes no futuro, e promptos á luctar no presente, ouvindo o brado de Hugo, exclamamos com Galileo: *è pur si muove*.

THEODOMIRO ALVES PEREIRA.

